

# Os valores expressivos das repetições na norma urbana culta de São Paulo

(Expressive values of the repetitions in the urban variety of São Paulo)

Celso Antônio Bacheschi<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

cbacheschi@usp.br

**Abstract:** This article aims to analyze the expressive values of the repetitions in the oral language in a *corpus* from NURC/SP Project. “Repetition” is understood as “identical or similar discursive segments which are produced twice or more times in the same communicative event” and only consecutive segments are considered alike. In the analysis, we analyse values as adjectivation, which is understood as an adjectival effect achieved by repeating words. The superlative effect can occur by repetition and coincide with other superlative forms as the suffix *-inho*. The repetition also presents an aspectual value related with the iterative and durative aspects. In addition to that, there is the hyperbolic the emphatic and the undefined repetition.

**Keywords:** Stylistics; oral language; Sociolinguistics; repetition.

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar os valores expressivos da repetição na língua oral, tendo como *corpus* o Projeto NURC/SP. O termo “repetição” é entendido como a produção de segmentos discursivos idênticos duas ou mais vezes num mesmo evento comunicativo, sendo considerados semelhantes apenas segmentos consecutivos. Na análise do *corpus*, observam-se valores como adjetivação, tomando-se o termo no sentido de efeito adjetivador, alcançado por intermédio da repetição de palavras. A superlativação também pode ocorrer por meio da repetição e coocorrer com outras formas de superlativação como o sufixo *-inho*. A repetição também apresenta valor aspectual, relacionado ao aspecto durativo e ao iterativo. Observam-se, também, a repetição hiperbólica, a enfática e a de valor indefinido.

**Palavras-chave:** Estilística; língua oral; Sociolinguística; repetição.

## Considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo analisar os valores expressivos da repetição na língua oral, tendo como *corpus* os inquéritos do Projeto NURC/SP, publicados nos três volumes de *A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo* (CASTILHO; PRETI, 1986, 1987; PRETI; URBANO, 1988) e divididos em diálogos entre dois informantes (D2), diálogos entre informante e documentador (DID), que, na verdade, são entrevistas e elocuições formais (EF), que são conferências e aulas universitárias.

Na análise do nosso *corpus*, observam-se funções como adjetivação, tomando-se o termo no sentido de efeito adjetivador, alcançado por intermédio da repetição de palavras, em que a palavra repetida passa por conversão e, sendo substantivo, passa a ser determinante da matriz.

A superlativação por meio da repetição é comum na linguagem oral. Encontramos exemplos em que a repetição coocorre com outras de formas de superlativação, como o sufixo *-inho*.

A repetição também apresenta função aspectual, relacionada ao aspecto durativo e ao iterativo. A ideia de reiteração pode estar associada a uma apreciação do falante, segundo a qual um fato se repete excessivamente, além de um limite que seria aceitável ou razoável. A esta chamamos repetição hiperbólica.

Temos a repetição que transmite ideia de abundância, que é uma forma de exprimir a noção de multiplicidade do significado por intermédio do emprego reiterado do significante.

Além dos exemplos citados, encontramos, ainda, as repetições enfáticas e com valor indefinido.

## Referencial teórico

Tannen (1989) observa que, embora também ocorra na escrita, a repetição é mais comum na língua falada. A repetição, *lato sensu*, está presente em um grande número de eventos da fala, como gaguejamentos, hesitações, paráfrases etc. Tomando-se o conceito de dialogismo de Bakhtin (2003), chega-se à conclusão de que simplesmente não há discurso em que não haja repetição, portanto é necessário traçar uma delimitação dos casos que interessam a este artigo.

*Grosso modo*, as repetições podem ser divididas em repetições de ideias e de palavras. Excluindo-se pleonasmos e paráfrases, teremos as repetições de palavras e de frases. Estas, na linguagem falada, podem ter funções interacionais como a manutenção do turno. Para definir o sentido em que tomamos o termo “repetição”, utilizaremos a definição de Marcuschi (1992), ou seja, “a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”, sendo considerados semelhantes apenas segmentos consecutivos com ou sem variação de elementos suprasegmentais. Segundo a classificação postulada pelo mesmo autor (MARCUSCHI, 1992), podemos definir as repetições de que trataremos como *autorrepetições contíguas e literais*, que são repetições de segmentos produzidos pelo próprio falante, sem variações, imediatamente posteriores à matriz. Entenda-se matriz como a primeira ocorrência de um segmento, em oposição às demais ocorrências, chamadas repetições.

Koch (2001) relaciona um grande número de funções das repetições dentro do discurso, principalmente com finalidades interacionais. Entre as repetições expressivas, temos as repetições de palavras, as quais a mesma autora divide segundo as funções de iteração, habitualidade e intensificação. São exemplos desse tipo de repetição as reduplicações de formas verbais (em geral, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), como “agarra-agarra”, “bate-bate”, “come-come”, “corre-corre”, “disse-me-disse”, “diz-que-diz”, “empurra-empurra”, “esconde-esconde”, “lambe-lambe”, “mata-mata”, “mexe-mexe”, “pega-pega”, “pisca-pisca”, “pula-pula”, “queima-queima”, “rema-rema”, “troca-troca”, as onomatopaicas, como “reco-reco”, “tico-tico”, “tique-taque”, além do vocábulo expressivo “lenga-lenga”.

Na análise do nosso *corpus*, observamos que a maior parte das repetições não tem função expressiva. Ainda assim, estas não são raras na linguagem falada e podem produzir diferentes efeitos como a adjetivação, a superlativação, a intensificação, a ênfase, a ideia de abundância, de duração, de continuidade ou de reprodução de um fato ou de uma ação.

## Adjetivação

O termo “adjetivação” não é tomado aqui no sentido primitivo de “emprego de adjetivos”, mas sim no de efeito adjetivador alcançado por intermédio da repetição de palavras. Esse recurso linguístico resulta na conversão de palavras que pertencem a outras categorias gramaticais em adjetivos. Com raras exceções, essa conversão ocorre com os substantivos e é muito frequente, na linguagem coloquial, resultando, geralmente, de processos metafóricos, como quando se diz que alguém é “burro”, é “cobra”, é “fera”, é “gênio” etc. Outro processo de adjetivação é a *translação*, que, de acordo com Kehdi (2003), ocorre mediante o emprego de um *translativo*, que pode ser uma preposição como, por exemplo, em “caderno *de respostas*” ou um *translativo*  $\emptyset$  (zero) como em “saia *rosa*”, “camisa *violeta*” etc. A conversão resultante da repetição, porém, é um processo muito menos comum. No seguinte passo, extraído de aula universitária, temos um exemplo de repetição que produz efeito de adjetivação:

- (1) as línguas... têm estruturas muito diferentes eu falei...  
no caraíba... no no caraíba das Antilhas que eu  
cheguei a conhecer um pouco... essas... línguas...  
polissintéticas aglutinantes... em que a palavra  
desaparece como *palavra-palavra*... e inclui aquilo que  
nós chamamos comumente de verbo... inclui...  
variantes de local... de tempo de privação... ou de  
adjunção... enfim a palavra é uma frase em si  
(EF/124, linhas 367-374).<sup>1</sup>

A repetição que se dá em “palavra-palavra” ocorre com a formação de um substantivo composto por redobro (como o percebeu o transcritor) formado por substantivo + substantivo, em cujo elemento redobrado ocorre *translação* de substantivo a adjetivo (tal qual em “maçã” no composto “banana-maçã”, por exemplo). O segundo elemento da composição tem a função de delimitar, de restringir o sentido do primeiro. Assim, “palavra-palavra” equivale a “palavra ‘real’”, “aquilo que chamamos de palavra” ou ainda “a palavra como a conhecemos”. Essa formação *ad hoc* tem a função de deixar claro que a “palavra”, no caraíba, por conter um grande número de elementos mórficos, não se assemelha ao que um falante do português entende por palavra, ou seja, não é uma “palavra-palavra”. Segundo Koch (2006, p. 144), o objetivo é de expressar “o significado por excelência do termo que se repete, isto é, seu significado tomado no mais alto grau de exatidão”.

## Superlativação

Esse tipo de repetição também pode ter efeito de superlativação como, por exemplo, quando um falante diz “isso é que é um carro-carro” (= “um carro de qualidade”, “um carro muito bom” etc.).

O efeito superlativante é mais comum, porém, mediante a repetição do próprio adjetivo. Desse modo de superlativação – que, inclusive, não é raro na literatura –, reproduzimos o seguinte exemplo:

- (2) ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da  
Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né?...

<sup>1</sup> Ver normas para transcrição do Projeto NURC/SP em anexo.

achei horrível... *feio feio feio*... e toda segunda à noite  
eu passo ali do lado da faculdade certo?  
(D2/343, linhas 26-29).

A opção do locutor pela repetição do adjetivo é bastante conveniente, uma vez que “muito feio” seria expressivamente insípido, e “feííssimo” seria inadequado ao nível de fala, considerando que a linguagem utilizada pelos locutores, nesse inquérito, é bastante espontânea, informal e é grande o grau de intimidade entre eles.

Se o emprego do advérbio “muito” é expressivamente frouxo, como se afirmou, também é possível vivificá-lo por intermédio da repetição:

- (3) professor poxa é afinal professor exerce assim uma::...  
um:: dentro do nível de renda no geral... ele tem que ter  
um nível de renda:: bom... e assim mesmo é pouco...  
acho que é pouco... em virtude do que ele estuda né?...  
do tempo que ele empata... estudando... é realmente  
*muito muito muito* ruim a situação para para para o  
professor  
(D2/62, linhas 1607-1613).

Note-se que, no exemplo 3, o locutor parecia vir buscando a custo o recurso expressivo que sintetizasse o pensamento que queria externar. Daí os abandonos de frases, as reformulações que se sucedem, até que finalmente se atinge o ponto desejado na expressão “muito muito muito ruim”.

Convém lembrar que diferentes formas de superlativação podem coocorrer, como no trecho que voltamos a reproduzir, em que a repetição se dá junto da sufixação e do acento de insistência:

- (4) L1 e o:: cabelo por cima daquele chouriço de metal...  
chouriço é de::... fio de arame é muito fino  
( )  
[  
L2 *fiNinho fininho*...  
(D2/396, linhas 1997-2000).

Na linguagem falada, é comum que os intensificadores sejam reforçados por intermédio da repetição:

- (5) L2 a minha eu acho... eu não tenho certeza para julgar  
mas eu acho que foi incutida... meu pai.. foi o um::...  
era militar:: mas a vocação dele era ter sido... advogado  
então ele vivia dizendo isso... e eu tenho a impressão eu  
não posso dizer porque é difícil... para a gente dizer  
porque de jeito nenhum ele falou “você vai fazer isso”...  
nunca... mas eu acho que ele falava *tanto tanto tanto*  
e eu o admirava muito ... eu tenho a impressão que foi  
por causa disto embora minha meta fosse Itamarati  
eu sempre...  
Doc. Diplomacia  
L2 pensei em fazer Diplomacia *sempre sempre sempre*...  
mas::... depois... por uma série de circunstâncias  
... não foi possível... mas:: então a a minha meta teria

ido diplomacia... mas eu acho que Direito particularmente foi inculcado por ele... (D2/360, linhas 1513-1528).

## Repetição aspectual

Além da repetição com finalidade de intensificação, há, também no exemplo 5, a repetição do advérbio “sempre”, que tem a função de realçar o aspecto durativo da ação. Dessa forma, pode-se distinguir outra função da repetição, que é a função aspectual. Essa espécie de repetição se relaciona basicamente ao aspecto *durativo* e ao *iterativo*.

A formação de substantivo mediante o redobro de formas verbais é um recurso que visa também a frisar o caráter iterativo de uma ação, como se pode observar no exemplo que segue:

- (6) então é um *corre-corre* realmente... não é?... agora eu assumi também ... uma:: secretaria de APM... lá do colégio das crianças (D2/360, linhas 165-167).

O falante também pode recorrer à utilização de formas verbais no gerúndio, para acentuar a ideia de iteração da ação, ainda que a estrutura da frase não o exija:

- (7) bom eu quando:: tinha uns dezoito quinze a dezoito anos eu estudei balê... e tive oportunidade de trabalhar fazer uma cena como o:: o balé russo... eu era alu/ aluna da Maria Ulineva... então para mim era uma noviDAde né? teatro porque só *estudando estudando estudando* (DID/234, linhas 254-258).

## Repetição hiperbólica

Além da ideia de duração, a repetição pode expressar simplesmente que um determinado fato ocorre reiteradamente. A ideia de reiteração pode estar associada a uma apreciação do falante, segundo a qual algo se repete excessivamente, além de um limite que seria aceitável ou razoável. Em linguagem falada, esse tipo de repetição é bastante comum como em “ele fala que fala”, ou “ele insistiu, insistiu, insistiu, mas não conseguiu o que pretendia”. Como se vê pelos exemplos, a repetição hiperbólica não é uma classificação autônoma, mas uma nuance expressiva da repetição aspectual, utilizada com intenção de exprimir um julgamento pessoal geralmente negativo. A seguir, transcrevemos exemplos de repetição hiperbólica:

- (8) ahn ahn... mas isso já está acontecendo você vê você deve conhecer uma experiência que fizeram com ratos de amontoar rato em:: em gaiolas pequenas e deixar *reproduzir reproduzir...* (D2/343, linhas 1509-1512),
- (9) então não tem nada disso de... diminuir a população certo?... vem *chegando mais gente chegando mais gente*

*chegando mais gente... mas ainda é um problema assim ( )*  
vai chegar uma hora que::... (dá isso em) zebra né?  
(D2/343, linhas 1529-1532).

Note-se que, no exemplo 9, a repetição configura uma hipérbole, que o locutor utiliza para demonstrar sua desaprovação quanto ao fato.

A seguir, reproduz-se um trecho em que a repetição é utilizada nitidamente para destacar a ideia de exagero, que a locutora reforça por meio de alongamentos:

- (10) aí eu faço uma refeição mais completa ((barulho))... e  
quanto à::... aos intervalos né? dessas e:: dessas... entre  
essas refeições vocês já viram a gente toma chazi::nho  
bolachi::nha e co::me e co::me e (come) ((risos))  
(DID/235, linhas 18-21).

A finalidade dessa repetição é transmitir ideia de abundância, que é uma forma de exprimir a noção de multiplicidade do significado por intermédio do emprego reiterado do significante ou “um processo estilístico que serve para exprimir, com alvoroço do sentimento, a quantidade ilimitada” (LAPA, 1975, p. 144). A repetição que expressa abundância vem naturalmente acompanhada de um sentimento de espanto, surpresa, admiração, como ocorre no trecho transcrito a seguir:

- (11) então a Tatá estava contando outro dia né? que:: depois  
das seis horas da noite você andar na cidade e o jeito dela  
“só tem preto... só tem preto e bicha” né? e:::...  
e realmente acho que ne/ muito pouca gente ainda mora  
lá assim de nível sócio-econômico [sic] mais alto né?...  
(D2/343, linhas 51-55).

Observe-se que, nesse trecho, há uma fala reproduzida. Em situações como essa, como observa Preti (2004), o falante utiliza-se de recursos como a reprodução de entonações, sussurros, gritos, imitação de vozes etc. É o que ocorre no exemplo 11, em que a mudança da inflexão de voz (que se percebe na audição da fita) funciona como um “marcador de reprodução”. Com isso, a locutora dispensa o uso do verbo *dicendi*, cujo papel é desempenhado pela expressão “e o jeito dela”. A repetição, acompanhada pela inflexão exaltada, transmite claramente, a par da ideia de abundância, um “alvoroço do sentimento” revelador de um julgamento pessoal condenatório. Note-se que, apesar de ter atribuído a afirmação preconceituosa a outra pessoa como estratégia de *preservação da face*, a locutora, em seguida, demonstra sua concordância com o que se declara. Recorrendo a um eufemismo, ela substitui os termos preconceituosos que a “personagem” supostamente empregou por “gente cujo nível socioeconômico não é elevado”.

## **Repetição com valor indefinido**

Por vezes, os fatos a que o falante se refere por meio das repetições podem não ficar claros. Isso ocorre intencionalmente e tem efeito de sumarização como no exemplo a seguir:

- (12) mais ou menos fim do ano quando chegou no Natal eu mandei... a ela... umas flores com um cartão de... cartão de Natal e pus do seu... noivo... entre parênteses... e daí *vim vindo vim vindo* em cinquenta e nove... vinte e sete de julho de cinquenta e nove nós casamos... e:: ainda fomos a... Salvador... e... Recife... em viagem de núpcias (DID/208, linhas 221-225).

Pode-se notar que, no exemplo 12, com o uso da expressão que se repete, o locutor se refere a fatos que se passaram entre o Natal e o seu casamento; porém, provavelmente por julgá-los irrelevantes e para não estender demais a narrativa, menciona-os de forma vaga. A repetição, nesse caso, tem a função de sintetizar a narrativa.

São comuns os casos em que a repetição tem função sintética em referência a fatos ou pormenores que o locutor não deseja precisar, ou de que já não se lembra. Em outros casos, elas são empregadas em narrativas de situações baseadas em suposições, que valem como exemplos. Em tais casos, o falante frequentemente faz uso de dêiticos que, por não se estarem referindo a nenhum elemento dentro do discurso, passam a ter valor indefinido. É o que se observa nos passos a seguir:

- (13) funciona do seguinte modo as firmas precisam... de um em/de um cara então ah por exemplo (ah) um:: ( ) um banco precisa de um diretor de um banco chega para ele diz assim “eu preciso de um diretor de banco para *tal tal* área para fazer isso *assim assim assim assim*”... então ele vai procurar... certo?... ou então chega uma outra firma e diz assim “preciso... um:: um gerente de::... de produção:: o um gerente de ( )” normalmente é um engenheiro *isso isso isso* então eu estava explicando ...que para cada cem engenheiros que são pedidos... é pedido UM advogado... quer dizer a desproporção inCRÍvel... (D2/360, linhas 900-911),
- (14) um médico baiano... nosso amigo... casado com uma prima da minha esposa... e ele virou e disse:: “que que você está tomando” (ela) disse “estou tomando *tais tais e tais* injeções” ele disse “não ((estalou a boca seguidas vezes))... NADA disso... você não tem:: resfriado nenhum o que você tem... é uma intoxicação gravítica... (DID/208, linhas 451-456).

O mesmo recurso pode ocorrer em casos de reproduções de falas hipotéticas, como no seguinte exemplo, no qual, além de dêiticos, o falante faz uso de vocábulo não lexicalizado, deixando clara sua intenção de apenas dizer alguma coisa, não importando o conteúdo:

- (15) é um fator preponderante... não adianta nada um teatro enorme que não tenha acústica e o:: camarada ficar beRRANdo lá na frente eh:: “sou isso sou aquilo *pá pá pá*” e:: o camarada lá no fundo na na última fileira não estar ouvindo nada (DID/161, linhas 395-399).

Em um exemplo semelhante, ocorre, a par do dêitico, o uso da expressão de valor indefinido *et cetera*. Trata-se também de reprodução de uma de fala em um diálogo não presenciado pelo narrador:

- (16) (O informante vinha falando sobre a gripe que causou muitas mortes em São Paulo no início do século passado.)  
os dois... e ele:: era um sujeito forte (bonito) forte  
inteligente... (e gastador)... RIco... e ele não queria tomar  
remédio... não queria nem por nada tomar remédio “EU  
não preciso de remédio eu sou um homem forte e tal  
*et cetera et cetera*”... e ele era PRImo de um  
de um parente nosso... então:: esse parente (dele) forçava  
ele foi enfermeiro dele e forçava... e ele não queria  
(D2/396, linhas 1385-1391).

No exemplo 16, a repetição da expressão indefinida tem, no entanto, uma função diferente. Ela serve para reforçar a ideia da insistência da “personagem” em sua afirmação e tem valor semelhante a “(não preciso do remédio) de modo algum”, “de jeito nenhum” etc.

### Repetição enfática

Outra função que a repetição pode ter na conversação é a de negação enfática. Nesses casos, pode ocorrer a repetição do termo de valor negativo ou de todo um segmento (um período, por exemplo). Essa espécie de repetição ocorre em diálogos, sobretudo quando o falante procura contestar uma ideia ou opinião do interlocutor. A ênfase, principalmente em tais situações, é acompanhada de uma certa exaltação, como no seguinte trecho:

- (17) L1 como você utiliza o seu tempo de trabalho... ele tem  
que ser... bem utilizado para você efetuar suas vendas  
... uma vez que você utiliza...  
[  
L2 mas existe um limite em que você deva um mínimo  
le/ levar neste tal de faturamento?  
[  
L1 *não não existe... não existe... não existe...*<sup>2</sup>  
(D2/62, linhas 264-269).

Convém lembrar que essa repetição enfática não ocorre exclusivamente em enunciados negativos, mas também nos afirmativos. Assim, poderíamos conceber que, no próprio exemplo 17, houvesse uma réplica enfática do locutor 2: “existe sim, existe sim, existe sim”.

### Considerações finais

Este trabalho não tem como objetivo investigar exaustivamente o fenômeno da repetição na língua falada, de modo que foi feita uma delimitação estreita dos casos que aqui seriam tratados. Dentro dos limites propostos, algumas conclusões foram possíveis.

<sup>2</sup> Como, nesse exemplo, a repetição ocorreu durante a sobreposição de vozes, ela pode aqui ser vista como tentativa de assalto ao turno por parte do locutor 1. Isso, no entanto, não é o que parece ter ocorrido, uma vez que o locutor 1, em seguida, abre mão da palavra.

Em primeiro lugar, pôde-se observar que as repetições têm, em geral, funções interacionais, como a manutenção do turno, o monitoramento do discurso do interlocutor e outras, sendo minoria as que têm valor expressivo.

Notou-se, também, que as repetições variam de acordo com os diferentes tipos de inquérito, sendo mais comuns nos diálogos que nas entrevistas, e mais nestas que nas elocuições formais. É natural que ocorressem menos repetições nas elocuições formais, uma vez que, pelo fato de tratar-se de inquéritos em que um único falante detém a palavra, havendo raramente intervenções de locutores eventuais, não há disputas de turno. Além das repetições de caráter interacional, as repetições expressivas também são menos frequentes nas elocuições formais, resumindo-se a uma única ocorrência. Isso se explica porque, nesse tipo de inquérito, a linguagem se aproxima mais da língua escrita. Lembramos que Marcuschi (2001) situa as conferências, em seu *continuum*, em posição mais próxima dos gêneros da escrita que dos da fala. Ligando-se esse fato ao maior nível de formalidade, concluiu-se que a repetição de valor expressivo ocorre com frequência inversamente proporcional ao nível de formalidade do inquérito, como se pode constatar em relação a outros recursos expressivos analisados por Bacheschi (2004).

Como não houve um grande número de exemplos levantados, considerou-se que não havia dados suficientes para relacionar as repetições à faixa etária e ao sexo do falante.

Note-se que a classificação das repetições de acordo com o valor expressivo proposta aqui não pretendeu esgotar todas as possibilidades, limitando-se ao que se pôde colher do *corpus*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHESCHI, C. A. *Os valores expressivos dos afixos na norma urbana culta de São Paulo*. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa. Área de Concentração: Estilística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Orgs.). *A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: v. I – Elocuições Formais. São Paulo: T. A. Queirós, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: v. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queirós, 1987.
- KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- KOCH, I. G. V. A repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil. In: URBANO, H. et al. (Orgs.). *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 118-127.
- \_\_\_\_\_. *O Texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 8. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.
- MARCUSCHI, L. A. *A repetição na língua falada: formas e funções*. 1992. Tese (Concurso para Professor Titular em Linguística) - UFPE, Recife.
- \_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, D.; URBANO, H. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queirós, 1988. v. III.

TANNEN, D. *Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. New York: Cambridge University Press, 1989.

## ANEXO

### NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	no nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTEM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [ B. sexta-feira? A. fizeram LÁ... [ B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

## OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).